Cartografias do jornalismo: do parapeito da janela antiga à tela cibernética

Jeana Laura da Cunha Santos
Universidade Federal de Santa Catarina
jeanasantos@terra.com.br

Resumo

Este artigo, que utiliza como protocolo metodológico uma pesquisa de natureza teórica, discute os novos modos de produção do jornalismo no Brasil confrontando os saberes e fazeres do trabalho jornalístico do passado com o presente, sem deixar de considerar as janelas que se abrem para futuras tendências na prática profissional a partir de novas configurações temporais e espaciais pautadas por uma lógica de rede, de fluxo. Para tanto, subdivide-se em três sessões. A primeira, a partir de uma revisão histórica pautada na ocupação das ruas pelos nossos primeiros jornalistas, analisa o que acontece com o profissional quando o espaço urbano perde cada vez mais sua realidade geopolítica em substituição aos sistemas tecnológicos de deportação. A segunda desvela como, a partir desta nova configuração do tempo e do espaço, morfologias inéditas do trabalho são engendradas, como o uso intenso de bases de dados e a interação permanente com múltiplas fontes e com o público, sobretudo a partir das redes sociais. E, por fim, a última sessão procura discutir quais os efeitos para o labor e para a vida mental do profissional quando, de um universo *offline* na produção da notícia, passa-se a um permanente exercício do *online*. O objetivo é refletir sobre as condições de trabalho do jornalista de hoje, buscando na escrita do jornalista do passado indícios de sua experiência pioneira com o tempo, com o espaço e com o seu ofício. Espera-se que tal estudo contribua para ampliar as bases teóricas e epistemológicas no campo do Jornalismo e reflita sobre a prática, a saúde e a vida mental deste profissional.

Palavras-chave: história do jornalismo; modos de produção no jornalismo; precarização do trabalho

Abstract

This paper, that it uses as methodological base a research of theoretical nature, examines the new ways of production of the journalism in Brazil, to confront the knows and produces of the journalistic work of the past with the present, taking into account the windows that open for future trends in the practical professional from new secular and space configurations based in a flux and net logic. For in such a way, it is subdivided in three sessions. The first, based on a revision of the history about the occupation of the streets for our first journalists, analyzes

what it happens with the professional when the urban space loses more and more its geopolitical reality in substitution to the technological systems of deportation. The second examines as, from this new configuration of the time and the space, news morphologies of the work are produced, as the intense use of databases and the permanent interaction with multiple sources and the public, especially from the social nets. And, finally, the last session analyze the effects for the work and for the mental life of the professional when it changes of a universe offline in the production of the notice to a permanent exercise of online. The objective is to reflect on the conditions of work of the journalist of today, searching in the writing of the journalist of the past indications of its pioneering experience with the time, the space and its work. We intend to contribute to extend the theoretical and epistemological bases in the field of the Journalism and to reflect about the practice, the health and the mental life of this professional.

Keywords: history of the journalism; ways of production in the journalism; deterioration of the work

Considerações iniciais

Para falar sobre o presente, é sempre bom voltarmos ao passado para ver onde ele se inscreve, ou se apaga, nas linhas do atual. Se é nossa intenção investigar a linha do tempo que traça a cartografia da ocupação/desocupação da rua, da (i)mobilidade urbana experimentada pelos nossos rabiscadores de notícias, os de ontem e os de hoje, seria bom recorrer a Walter Benjamin, em que pese o quão distante está do nosso tempo e do nosso espaço local. É que para o filósofo alemão há nestas mudanças, nestas passagens, reflexo das técnicas e do capitalismo em curso, alegorias das transformações ocorridas no nosso corpo sensorial através dos tempos. Investigá-las é buscar o instante pioneiro em que as primeiras camadas da nossa percepção tardo-moderna começaram a se formar. Porque, para ele, há dentro das configurações históricas e da experiência das coletividades uma mudança na percepção sensorial que se manifesta em novas tecnologias de reprodução. Pensar nas novas tecnologias e nas novas experiências vivenciadas pelos jornalistas de hoje é buscar o instante pioneiro em que tais camadas começaram a ser sedimentadas. É um trabalho de arqueólogo, conforme o próprio Benjamin falou a respeito do historiador que não se atem à história oficial, linear.

Buscando revolver a terra para desenterrar um campo válido de experiências, Benjamin documentaria o temor que os habitantes das cidades nutriam pela rua no final do século XIX. Seus estudos recaíram sobre a Paris do período, quando a metrópole torna-se inquietante e o vizinho cada vez mais ameaçador. Surgem então as galerias, espaços entre os prédios por onde o indivíduo podia caminhar, comprar, sentar para ler, para tomar um café ou simplesmente para observar. Nesta passagem coberta de vidro, com pequenos

estabelecimentos nas laterais, o cidadão podia estar fora de casa sem necessariamente estar na rua.

No Brasil não seria diferente. O antropólogo Roberto DaMatta, ao falar sobre os perigos da rua e a sempre difícil iniciação daquele que, ainda jovem, é autorizado a percorrê-la pela primeira vez, ressalta que não é possível “transformar a casa na rua e nem a rua na casa impunemente” (DaMatta, 1987: p. 59). Para fazer as vezes desta zona de apaziguamento, contávamos com as varandas, correlata da galeria no contexto local. Quando o estudioso francês Saint-Hilaire visitou o país no século XIX ficou surpreso ao constatar que os brasileiros tinham em frente as suas casas essas grandes extensões:

A gente abastada tem o cuidado de reservar na frente de sua casa uma galeria ou varanda, formada pelo teto que se prolonga além das paredes, e é sustentado por colunas de madeira. Fica-se geralmente nestas galerias e, em todas as estações, aí se respira um ar fresco, igualmente ao abrigo da chuva e do ardor solar (Saint-Hilaire *apud* DaMatta, 1987: p. 56).

Pouco a pouco, o território estrangeiro da rua passa a ser habitado tanto na Europa quanto no Brasil. Como o nosso país importou dos franceses que aqui atracavam novos modelos de comportamento – além de mobiliário, artigos de luxo e figurinos da moda –, também importou o hábito de passear nas ruas. A prática do *footing* diário foi logo adquirida pelos escritores que, depois de observarem por muito tempo a vida da cidade pela janela ou pela varanda da casa, transpuseram os seus limites e se aventuraram nas ruas para delas extrair o insumo necessário para seus textos, dos literários aos jornalísticos.

Se em Paris tipos como o *fisiólogo* e o *flâneur* se especializaram em documentar a rua na forma de ensaios curtos para os jornais diários, no Brasil da virada do século XIX para o XX esta função seria exercida pelo *cronista*, tipo esse intermediário entre o escritor e o jornalista, assim como a galeria é o espaço intermediário entre a casa e a rua. Avesso a ser um escritor de gabinete que olha a vida pelo parapeito da janela, tinha por ofício deambular pelas ruas para nela catar os acontecimentos, dos sérios aos anódinos, que transformaria em mercadoria para o consumo da massa de leitores dos jornais.

Jornalistas pioneiros, como Machado de Assis, João do Rio, Lima Barreto e Olavo Bilac, percorreriam a cidade, a pé ou no ritmo dos transportes da época, entrando em *sincronia* (do grego *chronos*, o mesmo radical de “crônica”) com os novos tempos industriais que se anunciavam. Era, então, decisivo se movimentar, cruzar a cidade, para captar as experiências reais, orgânicas, que a vida expressava nos becos, ruas, cafés, galerias...

Mais de um século depois, a atividade profissional do jornalista sofreria profundas mudanças, não só pelo incremento tecnológico, mas pela nova forma de relacionamento com a cidade, cada vez mais apenas uma zona de passagem, e com o público leitor, cada vez mais exigente e participativo.

A proposta deste artigo é analisar este percurso, resgatando na literatura brasileira o

perfil pioneiro deste profissional até chegar a sua forma contemporânea, para daí tecer alguns questionamentos: como fica o labor jornalístico na substituição de algumas atividades físico/biológicas pelos seus equivalentes metafísico/digitais? Quando a caminhada dos nossos primeiros jornalistas/*flâneurs* é substituída pela imobilidade de quem se mantém em frente a uma tela que, paradoxalmente, transporta a vários espaços longínquos, o que acontece na psique deste profissional? Se o ato de caminhar pela cidade produz enunciados, o que muda em seu imaginário quando isso não é mais possível? Quando a *porta* da casa que levava à construção de sentidos através da caminhada é substituída por uma tela que *transporta* (Virilio) a todos os lugares ao mesmo tempo sem que se precise estar lá, o que ocorre na “vida do espírito” (Simmel) do jornalista? Que novas psicodinâmicas do trabalho serão engendradas a partir destas mudanças espaciais e temporais?

Este texto de natureza teórica, que parte de uma revisão bibliográfica que abarca vários campos (Comunicação, Sociologia, Literatura e Antropologia), pretende compreender como a nova configuração volátil do espaço, que remodela o lugar (o não-lugar que o jornalista ocupa), e do tempo (a aceleração, o tempo contínuo, a *ubiquidade*) do labor jornalístico, estaria afetando a prática, o corpo e a vida mental daquele que o exerce.

Para tanto, é subdividido em três sessões (aqui chamadas benjaminianamente de passagens): a primeira, a partir de uma revisão histórica da ocupação da rua, traz o percurso compreendido pelo jornalista quando a *porta* de acesso ao mundo das informações é substituída pelo que se *transporta*, ou seja, o espaço urbano perde cada vez mais sua realidade geopolítica em benefício dos sistemas tecnológicos instantâneos de deportação.

A segunda passagem procura desvelar como, a partir desta nova configuração do tempo e do espaço, morfologias inéditas do trabalho são engendradas, fazendo com que o jornalista contemporâneo mal se desloque pelo espaço urbano, abastecido que está pelo intenso uso de bases de dados e pela interação permanente com múltiplas fontes e com o público (sobretudo a partir das redes sociais). De um universo *offline* na produção da notícia, passa-se a um permanente exercício do *online*.

E, por fim, a última passagem procura discutir quais os efeitos para o labor e para a vida mental deste profissional quando a porta que dá acesso a cidade é suplantada pela cidade sem portas e janelas, onde o jornalista se converte num interlocutor em trânsito permanente através dos portais de uma rede que suprime cada vez mais o espaço e comprime cada vez mais o tempo.

Passagem 1: do parapeito da janela antiga à tela cibernética

Há um conto de Hoffman (2010), publicado postumamente em 1822, chamado “A janela da esquina do meu primo”, em que um escritor inválido, preso em seu pequeno apartamento, observa a vida passar na principal praça de Berlim através de uma única abertura: uma *janela*. Ao receber a visita de seu primo, os dois passam a olhar a vida pelo

parapeito, descrevendo minuciosamente os tipos que por ali passam, perscrutando os fatos mundanos que ocorrem na feira da grande metrópole. “Essa janela é meu consolo, aqui a vida alegre ressurgiu para mim e eu me sinto reconciliado com o movimento incessante que me proporciona. Venha, primo, dê uma olhada para fora!”, convida o escritor.

No Brasil, se não foi numa janela, teria sido no umbral de uma *porta* que, segundo Machado de Assis, em texto publicado na *Gazeta de Notícias* de 1877, a crônica teria sido inventada:

Não posso dizer positivamente em que ano nasceu a crônica; mas há toda a probabilidade de crer que é coletânea das primeiras duas vizinhas. Essas vizinhas, entre o jantar e a merenda, sentaram-se à porta para debicar os sucessos do dia. Provavelmente começaram a lastimar-se do calor. Uma dizia que não pudera comer ao jantar, outra que tinha a camisa mais ensopada do que as ervas que comera. Passar das ervas às plantações do morador fronteiro, e logo às tropelias amatórias do dito morador, e ao resto, era a coisa mais fácil, natural e possível do mundo. Eis a origem da crônica (Folha de S. Paulo, 1994: p. 14).

Tanto em Hoffman quanto em Machado de Assis as aberturas da casa é que faziam a conexão com o espaço público, e os olhos do observador viam à distância, sem interação, sem conectividade com o outro estrangeiro que vinha lá. Assim, a via de acesso à cidade, e aos acontecimentos nela engendrados, tinha como limiar o parapeito da janela ou a porta das residências.

Um longo percurso alterou a arquitetura dos espaços, e as varandas e galerias fariam, enfim, a transposição entre o âmbito doméstico e as vias públicas, convidando o indivíduo a se tornar um *flâneur* que não só observa a rua à distância, mas nela se insere com a paixão de quem a vê pela primeira vez.² Como acontece no conto de Edgar Allan Poe “O homem na multidão” em que, ao contrário do conto de Hoffmann, o personagem transpõe umbrais, deambula pelas ruas, submerge no bojo da multidão, o que para Benjamin (1994) faz toda a diferença:

Mas quão acanhado o olhar deste que observa a multidão instalado em domicílio, e quão penetrante o daquele que a fita através das vidraças do café. (...) De um lado, o homem privado; senta-se na sacada como num balcão nobre; se quer correr os olhos pela feira, tem à disposição um binóculo de teatro. Do outro, o consumidor, o anônimo, que entra num café e que logo, atraído pelo magneto da massa que o unge incessantemente, tornará a sair.

João do Rio certamente estaria no segundo tipo descrito por Benjamin. Considerado o primeiro jornalista a se deixar levar pela “alma encantadora das ruas” – título de seu livro de 1908 e que traduziria a importância da urbe na modernidade –, foi atraído incessantemente

2 Sobre este assunto, ver artigo de minha autoria, “Narrativas sobre a cidade: entre o medo e o fascínio”, publicado em 2014 na revista Comunicação, Mídia e Consumo.

pelo “magneto da massa” de que fala o filósofo alemão: “Nas grandes cidades a rua passa a criar o seu tipo, a plasmar o moral dos seus habitantes, a inocular-lhes misteriosamente gostos, costumes, hábitos, modos, opiniões políticas” (Rio, 2011: p. 41). Como a rua ainda era um mistério para muitos, o cronista resolve explicar como ela teria se formado e usa Portugal como contraponto. Diz ele que a rua é, a princípio, um pequeno agrupamento de uma raça idêntica. Depois, quando a cidade aumenta, acrescentam ao substantivo rua um complemento que as diferencia das demais. “Em Portugal esse fato é comum. Há uma aldeia de setecentos habitantes no Minho que se chama modestamente rua de São Jorge, uma outra no Douro que é a rua da Lapela, e existem até uma rua de Cima e uma rua de Baixo”.

Machado de Assis, ao se converter num jornalista, também atendeu ao apelo da “musa urbana”, freqüentando assiduamente as ruas – sobretudo a elegante rua do Ouvidor que gostava de imitar Paris – e comentando os “sucessos” do dia que nelas ocorriam. Tanto que em crônica de 1839 declararia: “Não nos envergonhemos de viver na rua; é muito mais fresco” (Luca, 1998: p. 232).

Enquanto isso, na capital francesa, os parisienses transformavam as ruas em interiores. “A rua se torna moradia para o *flâneur* que, entre as fachadas dos prédios, sente-se em casa tanto quanto o burguês entre suas quatro paredes” (Benjamin, 1994: p. 35).

Hoje, mais de um século depois, o portal que delimita o território da casa é substituído pela “superfície-limite” da “interface” (Virilio, 1993: p. 9). Não só o muro da casa é transposto, mas a própria cidade, antes murada, perde os portais e os pórticos que a delimitavam. Na cidade contemporânea a porta passa a ser aquilo que “transporta” e “à antiga ocultação público-privado e à diferenciação da moradia e da circulação sucede-se uma superexposição onde termina a separação entre o próximo e o distante” (Virilio, 1993: p. 10-11). Com isso, conforme o autor, o espaço urbano perde cada vez mais sua realidade geopolítica em benefício dos sistemas tecnológicos instantâneos de deportação (de pessoas pelo remanejamento da produção, da atenção, do face a face humano, do contato urbano para a interface homem-máquina).

Não só o espaço é afetado pela lógica da ubiquidade, mas também o tempo que, de cronológico e sucessivo, passa a ser o da instantaneidade.³ Algo que para Virilio é extremamente perverso porque, segundo ele, “não há mais um aqui um ali”, mas “somente a confusão mental do próximo e do distante, do presente e do futuro, do real e do irreal, mixagem da história, das histórias, e da utopia alucinante das técnicas de comunicação” (Virilio, 1996: p. 29).

Essas mudanças nos vetores tempo e espaço produziram alterações significativas na esfera do trabalho jornalístico. Sabe-se que novas formas de labor estão sendo redesenhadas. Dos rabiscadores da cidade, que eram os nossos primeiros cronistas, passa-se agora aos “media online”. Da lógica de periodização passa-se à lógica “de fluxo”, “de rede”. Do tempo

3 Sobre a aceleração do tempo e suas influências para a prática jornalística ver o livro *Jornalismo em tempo real: o fetiche da velocidade* (Rio de Janeiro: Revan, 2002) de Sylvia Moretzshon.

desacelerado do cronista que deambulava pela rua passa-se à exigência do tempo instantâneo, naquilo que Fidalgo (2008: p. 171) chamou de “constrangimentos de tempo”: “cada vez mais é preciso chegar mais cedo, escrever mais depressa e transmitir com mais rapidez, (...), sendo certo que a possibilidade de actualizações permanentes do material informativo vem propiciando atitudes do tipo ‘divulgo agora e confirmo depois’”.

Também para Virilio esta substituição da observação direta dos fenômenos por uma “teleobservação” pode gerar equívocos. Segundo ele, “a ausência de percepção imediata da realidade concreta engendra um desequilíbrio perigoso entre o sensível e o inteligível, que só pode provocar erros de interpretação” (Virilio, 1993: p. 23).

É certo que a profusão em massa dos aparatos comunicacionais estimula este novo olhar. Conforme levantamento de Canavilhas (2011), os usuários de Internet subiram de 16 milhões em dezembro 1995 para 1970 milhões em junho de 2010, chegando a uma taxa de penetração mundial de 28,7%. No final de 2010, havia no mundo cerca de 4.200 milhões de telefones móveis, o que certamente tem aumentado em escala vertiginosa, sobretudo com o surgimento dos *smart phones*.⁴ Para o autor, o sucesso destes meios provocou mudanças substanciais na natureza da informação, que não é mais periódica, mas onipresente.

Todas estas novas “janelas para o mundo” que redefinem o tempo e o espaço do jornalista demandariam exigências inéditas para seu exercício profissional.

Passagem 2: do repórter de rua ao “media online”

Há um livro de Lima Barreto que faz uma radiografia dos bastidores da imprensa brasileira na virada para o século XX. Em *Recordações do escrivo Isaiás Caminha*, o protagonista visita o fictício jornal *O Globo* e encanta-se com a redação. Ao descrever os tipos que nela trabalham classifica-os de “gênios”.

Aquela casa, como todas do seu feitio, em que se fabricam novidades para o público, era uma colméia de gênios. Colméia é bem o termo porque era pequena e acanhada. Os redatores escreviam uns em cima dos outros; na revisão, que ficava misturada com a composição, não se podia andar; e pela noite os bicos de gás sem vidros iluminavam tudo aquilo lóbregamente, com grandes hiatos de sombras como um porão de navio (Barreto, 2001: p. 101).

Neste livro, que foi lançado em Lisboa em 1909, Lima Barreto perfila muitos dos profissionais que “fabricam as novidades para o público” naquele tempo. Podemos notar a presença de alguns que permanecem até hoje e de muitos outros que seriam definitivamente extintos. Havia, por exemplo, uma distinção clara entre o redator e o repórter. Enquanto o segundo percorria as ruas em busca das notícias, o segundo se limitaria a redigir o texto para depois submetê-lo ao revisor. Somente com a profissionalização da imprensa na segunda

4 Hoje, cinco anos depois, certamente estes números sofreram um expressivo incremento.

metade do século XIX é que a figura do repórter passa a ser valorizada. Conforme Fidalgo (2008: p. 109),

de uma espécie de 'jornalista de segunda mão', como inicialmente era visto (e, por consequência, desprezado), o repórter vai, a pouco e pouco, adquirir uma aura quase romântica de paladino da informação, de investigador incansável das histórias do cotidiano, de intrépido aventureiro que corre mundo ao serviço de leitores, trazendo-lhes as novidades das mais longínquas latitudes e dos mais arriscados cenários de desastre e conflito.

E foi com esta atitude que João do Rio, considerado por muitos o primeiro repórter brasileiro, aprendera a arte de infiltrar-se nas zonas marginais do Rio de Janeiro para documentar a vida nada francófila da "cidade luz". Como nesta reportagem de 1904, publicada na *Gazeta de Notícias*, em que recebe o convite de um delegado para visitar "o trágico horror que a miséria tece na sombra da noite por essa misteriosa cidade". Mesmo que para o cronista ser acompanhado pelo delegado "era tudo quanto há de mais literário e de mais batido" – afinal as peças francesas já traziam o jornalista como encarregado de conduzir a gente chique aos lugares macabros e em Paris os repórteres do *Journal* andavam acompanhados de um *apache* autêntico – resolveu aceitar. Ao chegar a um destes "asilos da miséria", faz um documento eloquente, entre a narrativa literária e a informação jornalística, do que a cidade, na sua ânsia civilizatória, gostaria de ocultar.

A sala estava cheia. Já não havia divisões, tabiques, não se podia andar sem esmagar um corpo vivo. A metade daquele gado humano trabalhava; rebentava nas descargas dos vapores, enchendo paióis de carvão, carregando fardos. Mais uma hora e acordaria para esperar no cais os batelões que a levassem ao cepo do labor, em que empedra o cérebro e rebenta os músculos (Rio, 2011: p. 179).

Este tipo de jornalismo tradicional – feito a muitas mãos, que prevê a apuração dos acontecimentos *in loco*, a observação participante, a entrevista com testemunhas ou autoridades e a volta ao gabinete para a redação da matéria – documentado poeticamente pelas penas de Lima Barreto e João do Rio, perde cada vez mais terreno.

Hoje, o jornalista mal se desloca abastecido que está pelo uso intensivo de bases de dados e pela interação permanente com as múltiplas fontes e com o público, a partir das redes sociais. Público esse que faz as vezes de um jornalista multifunção que grava com a sua câmera portátil os acontecimentos que, conectados em rede, serão disseminados em tempo real para indivíduos do mundo todo.

Quando a informação não vem do público é o próprio jornalista que vê suas especialidades serem suprimidas, convertendo o maquinário da redação em um apêndice artificial de seu corpo orgânico. Como ocorre com o que se chamaria hoje de MOJO (abreviatura para Mobile Journalism), que possibilita ao jornalista buscar, produzir e compartilhar a notícia tendo em mãos apenas um telefone móvel. A partir de um software

desenvolvido por uma companhia canadense, chamado “Vericorder Technologies”, é possível criar programas de notícias para a televisão, rádio e web inteiramente no telefone. O repórter grava o áudio e a imagem e transfere os dados para um *iPad* que fará a edição. A promessa é que o produto final equivalha ao feito por um profissional multimídia ou por um jornalista e poderia ser enviado já pronto para ser transmitido, sem mais a necessidade de editá-lo na redação (Quinn, 2009).

Tempo e espaço são suprimidos e o jornalista quase se perde no vácuo desta superdistribuição/superexposição de informação. Tanto que já existem hoje “algoritmos capazes de reordenar a informação em frações de segundo e produzir relatos de acontecimentos que já passam no teste de Turing: ou seja, nada os distingue de textos redigidos por gente de carne e osso. E isso sem nenhuma intervenção de um jornalista” (Anderson; Bell, 2012: p. 42).

O paradoxo, entretanto, é que apesar do acesso remoto aos dados e a colaboração da audiência na fabricação da notícia terem aumentado, o que poderia supor uma diminuição no tempo de labor jornalístico, nunca o jornalista trabalhou tanto. Se para Anderson e Bell (2012: p. 45) a automatização da coleta e da disseminação dos fatos permitiria que os jornalistas assumissem melhor as funções de investigação e interpretação, cabe perguntar se ao mesmo tempo não estariam eles sendo sobrecarregados com mais e mais funções? Afinal, além de continuarem a escrever, filmar, editar, gravar, entrevistar, diagramar, produzir, teriam, conforme mesmo os autores, que “cultivar a capacidade de colaboração – com tecnologias, multidões e parceiros – para poder lidar com a considerável e crescente tarefa de narrar acontecimentos” (Anderson; Bell, 2012: p. 51).

O que sobraria, então, do corpo e da mente de um indivíduo que precisa carregar em si o talento de um cronista da virada do século XIX para o XX com o peso de um escritório multiplataforma como extensão do próprio corpo orgânico?

Passagem 3: do espaço partilhado da rua à volta para casa

Se os nossos jornalistas pioneiros, enquanto *flâneurs* ou cronistas, transpuseram os muros da casa domesticada para se aventurar na rua, cruzando umbrais, correndo riscos, construindo novas retóricas e sentidos, os “media online” voltam ao gabinete ou a casa para captar e transmitir informações em tempo real sem se deslocar no espaço. Antunes (2009: p. 237) aponta, dentre as novas morfologias do trabalho, a expansão do trabalho a domicílio em várias partes do mundo, resultado da desconcentração do processo produtivo, do crescimento das pequenas e médias unidades produtivas, da telemática e das tecnologias de informação, além do avanço das formas de flexibilização e precarização do trabalho.

Se o trabalho não chega a ser inteiramente a domicílio, muitas vezes é exercido novamente no espaço intermediário, se não o da galeria benjaminiana, de um shopping ou de um café. Inumeráveis jornalistas, munidos apenas de seus computadores portáteis e seus

telefones móveis, exercem o seu ofício de forma terceirizada fazendo de uma mesa pública a sua plataforma de trabalho. A janela que se abre não é mais a da rua, mas a da tela. A *flanerie* que se experimenta não é mais a do espaço partilhado da rua, mas a da visita labiríntica dos sites. As artérias que se abrem no traçado urbano convertem-se em redes intercambiáveis e infinitas. Se antes o jornalista desempenhava uma função de cada vez, hoje ele precisa desempenhar simultaneamente trabalhos de reportagem, redação, edição, documentação, design, fotografia. Exige-se dele que passe a “dominar uma panóplia cada vez mais vasta de instrumentos de pesquisa, tratamento e edição da informação, bem como manusear, e até integrar, linguagens que antes eram vistas em compartimentos estanques, associados a uma especialização por suporte (texto escrito – hipertexto – infografia – som – imagem parada – imagem em movimento)” (Fidalgo, 2008: p. 170).

Soma-se a isso, conforme Salaverría (2006), o fato de os jornalistas terem de aprender as peculiaridades de uma nova plataforma de difusão (a rede) e, ao mesmo tempo, responder as demandas de um público cada vez mais exigente e participativo.

Se não logra reunir em si todas estas qualidades, o jornalista ainda tem que lidar com a permanente ameaça do desemprego. O psicólogo, professor e pesquisador da Faculdade de Educação da Unicamp e da Fundação Getúlio Vargas, Roberto Heloani, ouviu dezenas de profissionais de jornais, rádio, TV, jornal impresso e assessorias de imprensa de São Paulo e Rio de Janeiro e detectou que, além do ritmo frenético imposto pelos novos modelos empresariais, o medo de perder o emprego seria um dos principais causadores de doenças físicas e mentais no jornalista. Se “flexibilidade” é o slogan do dia, como diz Bauman, quando aplicado ao mundo do trabalho anuncia o “advento do trabalho por contratos de curto prazo, ou sem contratos, posições sem cobertura previdenciária, mas com cláusulas ‘até nova ordem’. A vida do trabalho está saturada de incertezas” (Bauman, 2001: p. 169).

Curioso perceber que estas “incertezas” já rondavam as redações dos jornais há muito tempo, levando o jornalista a ser subserviente às hierarquias. Lima Barreto, no livro citado, comprova que as demissões já eram bastante comuns no começo do século XX. “No jornal, há-as de mês a mês; por dá cá aquela palha, o diretor ou o secretário demite, suspende, multa nos ordenados. Daí vem o terror dos subalternos, a lisonja, o respeito religioso de que são cercados os chefes” (Barreto, 2001: p. 102).

Além da submissão às chefias, o medo de ser demitido provoca também uma acirrada competição entre os pares. Se todos são substituíveis e temporários, então todos são adversários na busca pela manutenção de seu posto. Algo também documentado pela pena de Barreto (2001: p. 129). “Não há repartição, casa de negócio em que a hierarquia seja mais ferozmente tirânica. O redator despreza o repórter; o repórter, o revisor; este por sua vez, o tipógrafo, o impressor, os caixeiros do balcão. (...) O diretor é um deus inacessível, caprichoso, espécie de Tupã ou de Júpiter Tonante, cujo menor gesto faz todo o jornal tremer”.

Aqui todo um documento das várias especialidades – até há pouco comuns, com algumas variações, numa redação de jornal – que seriam suprimidas cada vez mais pela multifuncionalidade exigida do profissional.

E para se economizar o tempo, que é dinheiro, suprime-se também o espaço. Se os jornalistas pioneiros transpuseram a porta que dá acesso à cidade para se embrenhar num mundo de aventuras que só o espaço público fornecia, hoje, na cidade sem portas, convertem-se em interlocutores (i)móveis permanentes.

Da grande janela a qual o velho escritor contemplava a praça em Berlim à tela digital que traz o mundo distante para perto, algo se perde? Da experimentação orgânica da rua pelos primeiros cronistas ao jornalista multifunção, cuja experimentação do espaço se dá apenas pela tela “supersônica”, algo indubitavelmente se perde? De tanto suprimir o tempo e o espaço, perdemos o jornalista?

Para Anderson e Bell (2012: p. 43), “o jornalista não foi substituído – foi deslocado para um ponto mais acima na cadeia editorial. Já não produz observações iniciais, mas exerce uma função cuja ênfase é verificar, interpretar e dar sentido à enxurrada de texto, áudio, fotos e vídeos produzida pelo público”. Para os autores, em cinco anos, tão corriqueiro quanto licenciar um blog será “receber dados em tempo real de vastas redes de sensores, criar conteúdo automatizado, adquirir ou criar tecnologias que reflitam valores jornalísticos, estabelecer parcerias com diversos especialistas e instituições e fazer experiências com agregadores, animadores e performers renomados” (Anderson; Bell, 2012: p. 52).

Neste moto-contínuo incessante, caberia perguntar aos autores em que parte do dia o jornalista conseguiria sentar no parapeito da janela da casa ou no café do espaço público da rua para de fato compreender a vida real que ali se processa? Em que momento do dia o jornalista poderá deambular tal qual um *flâneur* para criar sentidos a partir da leitura da cidade, que até então fora a razão de ser de sua profissão? Afinal, “é nos *lugares* que se forma a experiência humana, que ela se acumula, é compartilhada, e que seu sentido é elaborado, assimilado e negociado. E é nos *lugares*, e graças aos *lugares*, que os desejos se desenvolvem, ganham forma, alimentados pela esperança de realizar-se” (Bauman, 2009: p. 35). Para o “pedestre da poesia da observação” João do Rio, que fez da crônica jornalística uma janela para o Brasil, “a rua é a nossa própria existência”. “Nela se fazem negócios, nela se fala mal do próximo, nela mudam as ideias e as convicções, nela surgem as dores e os desgostos, nela sente o homem a maior emoção” (Rio, 2011: p. 44).

Conclusões preliminares

Parte da emoção, descrita acima, de se perder na cartografia da cidade, decorria da aura do imprevisto que a rua proporcionava. Parte do prazer compartilhado pelos dois primos daquela janela de Berlim provinha do desejo de ver sem ser visto. “A arte que o *flâneur* domina é a de observar sem ser flagrado” (Bauman). Parte do encantamento descrito por João

do Rio ao percorrer o submundo do Rio de Janeiro decorria de que tinha para si todo o tempo do mundo (o *flâneur* parisiense tinha o hábito de levar uma tartaruga para passear).

Hoje, a cidade volta a ameaçar. A violência urbana faz dos passeios contemplativos uma atividade perigosa. O tráfego de carros desaloja o pedestre da rua. O ritmo das novas tecnologias e a racionalização da vida urbana conduz o rabiscador da cidade de volta para casa. E nela, ou no gabinete de uma redação ou num espaço semi-público de um centro comercial ou shopping, executa – não mais através dos passos pelas calçadas ou pela observação através do parapeito da janela ou do umbral da casa – uma *flanerie* cibernética. Se o objetivo do jornalista-*flâneur* – e que até bem pouco tempo atrás dava sentido ao que se convencionou chamar repórter de rua – era observar, imergir na cidade, deixando-se levar pelos ruídos, pelo caos, pela heterogeneidade da multidão, hoje os novos condicionamentos do tempo e do espaço não mais o permitem.

Que as novas tecnologias, as mudanças sociais e natureza digital da informação tiveram seus efeitos no labor e na psique do jornalista é inegável. Que o ritmo veloz dos novos modelos comunicacionais causa, senão sofrimento, uma dessensibilização dos sentidos para que o jornalista possa atuar sem se desintegrar, também é inconteste. O curioso é perceber que parte destes sintomas já eram sentidos na prática profissional do passado, em que pese estarem mais contundentes do que nunca. Benjamin (1994: p. 225), por exemplo, quando disse que o jornalista se comportava como um *flâneur* que transformava suas horas de ociosidade no bulevar em matéria-prima, não deixou de considerar que o tempo necessário para a produção da força específica do trabalho jornalístico era relativamente elevado.

Também no contexto brasileiro, Olavo Bilac já via sinais de exaustão no “filho de Gutenberg” em crônica de 1895. Segundo ele, para que o “homem-multidão” abdicasse de “ter papilas nervosas na sua grossa pele de pedra e ferro” e se comportasse “como as engenhosas máquinas americanas de escrever”, precisou pagar um alto preço: tornou-se o profissional que mais freqüentava os consultórios de moléstias nervosas da época:

Quando entrardes num desses consultórios e virdes um homem, no meio da sala, firmando-se no chão com um pé só, olhos fechados e braços abertos no ar – podeis desde logo assegurar que é um jornalista neurastênico em que se procura verificar a existência do sinal de Romberg (Dimas, 1996: p. 150).

Se em tempos remotos “as engenhosas máquinas americanas de escrever” ditavam o ritmo ágil da profissão, tornando a atividade insalubre, o que dizer de hoje quando a pressão pela informação instantânea suprime o tempo e desaloja o jornalista do espaço?

Nosso objetivo neste artigo – ao fazer um itinerário que vai do passado ao presente, da janela ou da porta à tela cibernética, da rua encantadora ao exílio da casa ou da redação – não foi o de afirmar que as novas tecnologias a serviço da informação e do trabalho jornalístico são essencialmente boas ou ruins. Talvez, para ficarmos ainda na companhia de Benjamin, sejam boas e ruins ao mesmo tempo.

Procuramos apenas lançar reflexões sobre o exercício profissional do jornalista a partir de algumas mudanças ocasionadas pelos novos modelos de captação e transmissão da informação, tais como: a substituição de algumas atividades físico/biológicas pelos seus equivalentes meafísico/digitais; a mobilidade espacial dos primeiros repórteres em contraponto à imobilidade dos media online; a substituição das vias da cidade pelas vias digitais; a caminhada desacelerada do *flâneur* em contraponto à corrida vertiginosa do jornalista multifunção. Nestas passagens, verificamos que já havia na formação das nossas primeiras camadas sensoriais um desejo latente por mais aceleração do tempo e onipresença no espaço e que se refletiriam hoje nos novos modelos comunicacionais. Modelos esses que procurariam tornar mais ágil, mais horizontal e mais manipulável o conteúdo informacional, tais como: os computadores pessoais (PCs, *personal computers*); as câmeras de vídeo e foto para computador ou webcams; os diversos suportes para guardar dados (discos rígidos ou hds, cartões de memória, pendrives, zipdrives); a telefonia móvel, o correio eletrônico (*e-mail*); as listas de discussão (*mailing lists*); a internet com seus websites, *home pages*, *streaming*; as tecnologias digitais de captação e tratamento de imagens e sons (fotografia, vídeo, cinema tv e rádio digitais). Enfim, uma panaceia tecnológica que de um lado agiliza e democratiza o acesso aos meios e de outro gera uma espécie de fadiga que estaria levando muitos jornalistas sobrecarregados a sentirem nostalgia do velho e bom bloco de anotações.

O objetivo deste artigo foi, então, a partir da análise de três passagens significativas nas reconfigurações do tempo e do espaço e que engendram novos modos de produção no jornalismo, investigar as marcas do que muda e do que se mantém nos modos de vida e nas expressões do jornalista de ontem e de hoje. Ao vasculhar o passado buscando suas marcas nas linhas do presente, propomos aqui uma reflexão acerca de dois tempos históricos, cujo sentido de um encontra-se invariavelmente no outro.

Referências

ANDERSON, C.W., BELL, E., SHIRKY, C. (2013) O jornalismo pós-industrial: adaptação aos novos tempos, *Revista de Jornalismo ESPM*, (5), 30-89.

ANTUNES, Ricardo (2009) Século XXI: nova era da precarização estrutural do trabalho? In ANTUNES, R., & BRAGA, R. (Orgs.), *Infoproletários: degradação real do trabalho virtual* (pp. 231-238), São Paulo, Boitempo.

BARRETO, Lima (2001) *Recordações do escrivão Isaías Caminha*, São Paulo, Ática.

BAUMAN, Zygmunt (2001) *Modernidade líquida*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed.

BAUMAN, Zygmunt (2009) *Confiança e medo na cidade*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed.

BENJAMIN, Walter (1994) *Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo*, São Paulo, Brasiliense.

CANAVILHAS, João (2011) El nuevo ecosistema mediático, *Index.comunicación*, 1 (1). Recuperado de

<http://journals.sfu.ca/indexcomunicacion/index.php/indexcomunicacion/article/view/4>

DAMATTA, Roberto (1987) *A casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*, Rio de Janeiro, Guanabara.

DIMAS, Antonio (Org.) (1996) *Vossa insolência: crônicas / Olavo Bilac*, São Paulo, Companhia das Letras.

FIDALGO, Joaquim (2008) *O jornalista em construção*, Porto, Porto Editora.

FOLHA DE S. PAULO (Org.) (1994) *Machado de Assis: crônicas escolhidas*, São Paulo, Ática.

HOFFMAN, E. T. A. (2010) *A janela de esquina do meu primo*, São Paulo, Cosac Naify.

RIO, João do (2011) *A alma encantadora das ruas: crônicas*, São Paulo, Companhia de Bolso.

LUCA, Heloisa Helena Paiva De (Org.) (1998) *Balas de estalo de Machado de Assis*, São Paulo, Annablume.

QUINN, Stephen, BURUM, Ivo (2009) *Mobile Journalism in the asian region around the world*, Cingapura, Konrad Adenauer Stiftung.

SALAVERRÍA, Ramón (2006) Diez años de logros y retos en la prensa digital, *Comunicação e Sociedade*, (9-10), 129-137.

SANTOS, Jeana (2014) Narrativas sobre a cidade: entre o medo e o fascínio, *Comunicação, Mídia e Consumo*, (31), 83-98.

TAVARES, Elaine (2010) Por que os jornalistas estão adoecendo mais, *Observatório de Imprensa*, 604. Recuperado de <http://www.observatoriodaimprensa.com.br>

VIRILIO, Paul (1993) *O espaço crítico e as perspectivas do tempo real*, Rio de Janeiro, Ed. 34.

VIRILIO, Paul (1996) *A arte do motor*, São Paulo, Estação Liberdade.